

Organizando a pesquisa acadêmica:
reflexões teórico-práticas sobre a metodologia dos trabalhos científicos
Organizing academic research:
theoretical and practical reflections on the methodology of scientific work
Organizando la investigación académica:
reflexiones teórico-prácticas sobre la metodología de los trabajos científicos

Recebido: 01/06/2020 | Revisado: 17/06/2020 | Aceito: 19/06/2020 | Publicado: 01/07/2020

Helen Flávia de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1557-2418>

Universidade Federal do Maranhão/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: helenflima77@gmail.com

Carlos Eduardo Bezerra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2430-9737>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil

E-mail: cadubezerra@unilab.edu.br

José Araújo Amaral

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8678-4798>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: jose.amaral@ifrn.edu.br

Resumo

Este artigo, tem por objetivo geral apresentar, de forma crítica, as principais técnicas de elaboração de trabalhos acadêmicos, indicando também exercícios para sua melhor apreensão. Argumenta-se que, ao fazê-los, os discentes apropriam-se destes “conhecimentos práticos”, habilitando-se a organizar satisfatoriamente os seus estudos, arquivando a sua produção textual, construindo um referencial teórico, desenvolvendo a intelectualidade e, assim, constituindo um pensamento crítico e autônomo em relação ao conhecimento. Deste modo, acredita-se que os discentes produzirão uma memória crítica dos conteúdos das disciplinas nos cursos da graduação, o que é fundamental na elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e na vida profissional como um todo à medida em que necessitem desses conhecimentos, bem como na continuidade da formação acadêmica na pós-graduação. Por fim, conclui-se que a apropriação destes conhecimentos está no cerne da educação científica,

habilitando desse modo os discentes à pesquisa acadêmica e à produção de conhecimento, garantindo a autonomia estudantil.

Palavras-chave: Trabalhos acadêmicos; Conhecimento prático; Rotina estudantil; Pensamento autônomo; Ensino.

Abstract

This article has the general goal of presenting a critique of the main techniques for preparation of academic papers, as well as indicating exercises for their better apprehension, resulting in a specific educational object. It is argued that students, in doing so, take ownership of this “practical knowledge” while acquiring the ability to organize their studies in a satisfactory manner, archiving their textual production, building a theoretical framework, developing at the intellectual level, and thus, constructing critical and autonomous thinking in relation to knowledge. Therefore, it is believed that students should be able to produce a critical memory of the contents of the subjects in undergraduate courses, which is crucial in the preparation of an Undergraduate Thesis (TCC) and in professional life as a whole, as such knowledge is required, as well as in the continuity of academic training in graduate school. Finally, it is concluded that the appropriation of such knowledge is at the core of scientific education, thereby enabling students to perform academic research and knowledge production while ensuring student autonomy.

Keywords: Academic papers; Practical knowledge; Student routine; Autonomous thinking; Teaching.

Resumen

Este artículo tiene por objetivo general el de presentar de forma crítica, las principales técnicas de elaboración de trabajos académicos, e indica además, ejercicios para su mejor aprehensión, dando como resulta un objeto educativo específico. Se argumenta que, al hacerlos, los discentes se apropian de estos «conocimientos prácticos», habilitándolos a organizar satisfactoriamente sus estudios, archivando su producción textual, construyendo un referencial teórico, desarrollando la intelectualidad y, de esta manera, constituyendo un pensamiento crítico y autónomo con relación al conocimiento. De este modo, se cree que los discentes desarrollarán una memoria crítica de los contenidos de las disciplinas en los cursos de la graduación, lo que resulta fundamental para la elaboración de un Trabajo de Conclusión de Curso (TCC), y en la vida profesional, como un todo en la medida en que necesiten de dichos conocimientos, así como también en la continuidad de la formación académica de

posgrado. Finalmente, se concluye que la apropiación de estos conocimientos está en la esencia de la educación científica, habilitando así a los discentes a la investigación académica y a la producción de conocimientos, asegurando la autonomía estudiantil.

Palabras clave: Trabajos académicos; Conocimiento práctico; Rutina estudiantil; Pensamiento autónomo; Enseñanza.

1. Introdução

Neste artigo, cujo objetivo geral é apresentar, de forma crítica, as principais técnicas de elaboração de trabalhos acadêmicos, indicando também exercícios para sua melhor apreensão, resultando em um objeto educacional específico, consideramos alguns contextos em relação à Ciência e, mais especificamente, ao fazer científico. Assim, em parte do imaginário estudiantil há a concepção, um tanto estereotipada, de que a Ciência se restringe a apenas algumas áreas de conhecimento. Neste imaginário, o cientista é a personificação daquele sujeito vestido com um jaleco branco, que trabalha em um laboratório, cujo resultado de seus estudos gerará, obrigatoriamente, um produto tecnológico (Avanzi, 2011). Entretanto, sabe-se que a Ciência é composta por diversas áreas, isto é: da natureza, das exatas, as sociais, as humanas e cada uma tem como base suas especificidades, que auxiliará na construção do conhecimento científico resultando em tecnologias ou não. Cada área chegará a resultados e produtos com as suas características e singularidades. Em uma tese da área de Letras, por exemplo, pode-se chegar a conclusões que dizem respeito ao objeto pesquisado, que na sua maioria são textos, mas também considerando-se que os textos estão ligados à linguagem e a variantes como a sociedade e o tempo, chega-se a conclusões a respeito do contexto, sendo esta relação entre texto e contexto uma constante na área dos estudos literários.

Se por um lado as áreas são constituídas por objetivos, conteúdos específicos, por outro compartilham e são norteadas por princípios comuns, quais sejam: a observação do mundo como ponto de partida para a elaboração de um problema, a busca de sua resolução a partir de uma metodologia, bem como a divulgação das conclusões obtidas. Norteadando-se por esses princípios, o estudante e/ou pesquisador iniciante poderá ter consciência do processo da pesquisa científica, seja questionando a realidade que o cerca, buscando teóricos para fundamentar suas suposições, aplicando um determinado método, discutindo resultados, o que gerará a autonomia do pensar, alicerces da educação científica.

Para se construir tal autonomia, é preciso romper, inicialmente, com a postura passiva que muitas vezes o aluno assume frente ao estudo. Postura esta que foi construída e

solidificada ao longo da vida estudantil¹ como reflexo de uma “educação bancária” (Freire, 1987) que é baseada na reprodução de conteúdos transmitidos pelos docentes. Neste processo, a maioria dos estudantes, que deveria ter desenvolvido a autonomia do pensar ao longo dos anos, passa a ser apenas um reprodutor de conteúdos, senão um “banco de dados” humano que armazena informações isoladas entre si. Desse modo, o aluno não se reconhece no estudo, pois passa a vê-lo como algo distante de sua realidade, um mundo privilegiado para poucos. Ao alienar-se, não se sente capaz de produzir conhecimento, muito menos pensar por si só.

Em contrapartida a esta educação, a educação científica propõe novas experiências pedagógicas, tal como afirma Amaral, Aires, Lima (2015, p.100),

[...] a educação científica se caracteriza por um espaço pedagógico diferenciado, não tradicional que procura romper com alguns paradigmas da educação “bancária”, pelo viés da interdisciplinaridade, do papel proativo do aluno, e do estímulo ao desenvolvimento da criticidade.

Portanto, para o estudante desenvolver uma pesquisa científica é preciso romper com anos de submissão frente a alguns paradigmas do processo de ensino/aprendizagem tradicional. O aluno deve passar pela experiência da liberdade do pensar, além de ter a oportunidade de estabelecer parcerias com professores de diferentes áreas, aprender a relacionar teoria com o objeto de estudo para explicar seus questionamentos sobre o mundo. É preciso conscientizar-se de que pode produzir conhecimentos e, por consequência, ser autor de sua própria história. Mas, engana-se quem acredita que este processo se dê em um passe de mágica. É preciso muita disciplina, comprometimento e, sobretudo, organização do estudo.

A organização, que é o cerne da autonomia estudantil, garantirá ao aluno uma postura científica. Por esta razão, selecionar o local mais adequado e o momento para realizar tais estudos são pontos iniciais. No entanto, como fazê-lo se na realidade e na vida cotidiana, a maioria dos estudantes universitários brasileiros trabalha dois períodos e estuda no terceiro?² organizar os estudos, estas são as palavras-chave!³ Aproveitar, por exemplo, para fazer anotações dos comentários mais importantes dos docentes, bem como dos pontos centrais das discussões feitas pelos colegas sobre um determinado texto, é uma ótima oportunidade para

¹ Segundo Therezzo (2002), citado por Jacobini (2006, p. 34), uma das grandes dificuldades dos graduandos é elaborar resumos. Therezzo afirma que esta dificuldade foi sendo cristalizada com o passar dos anos escolares, pois muitas vezes os professores consideravam cópias de algumas partes dos textos como sendo resumos

² Pedro Demo (2008, p.31) argumenta que a metodologia adequada para o perfil do estudante dos cursos noturnos é a criação de espaços em sala de aula para se “pesquisar e elaborar, fazer textos, fazer experimentos, construir ideias”. Ao contrário das aulas expositivas comumente adotadas pela maioria dos docentes.

³ Elaborar um cronograma de estudos, constando os dias da semana e os horários específicos para se estudar é outro exemplo possível de organização da rotina acadêmica.

relembrar, posteriormente, o conteúdo estudado em sala de aula⁴. Valer-se de recursos de mídia, especialmente aqueles disponíveis em aplicativos e redes sociais idôneas pode também ser um recurso importante, pois, cada vez mais, as tecnologias de informação e comunicação, as TICs, possibilitam acessos a conteúdos através de *podcasts*, canais de vídeo, *lives*, videoconferências que podem ser vistos de forma síncrona e assíncrona (Bezerra & Medeiros, 2019).

Contudo, neste artigo, centraremos a discussão sobre as técnicas de como elaborar trabalhos acadêmicos, especificamente o fichamento, o resumo, a resenha e relatórios, dentre estes apresentar a monografia, dissertação, tese e o artigo científico. Acredita-se que tais “conhecimentos práticos” auxiliarão o discente na compreensão dos conteúdos estudados nas disciplinas que compõe um curso de graduação, na organização dos registros destes conteúdos que poderão fazer parte de um arquivo a ser útil na elaboração de um trabalho de conclusão de curso, e conseqüentemente realizar este trabalho acadêmico, “tão temido”, com consciência. Deste modo, tais conhecimentos introduzirão o aluno na educação científica, na construção de hábitos de pesquisa científica e, principalmente, na autonomia estudantil (Létourneua, 2011).

2. Metodologia

Quanto à metodologia, esclarecemos que este objeto educacional nasceu das nossas vivências no âmbito da sala de aula, fossem nas aulas propriamente ditas, como na explicação de conteúdos e na resolução de atividades, fossem nos encontros destinados as orientações dos trabalhos de conclusão de curso (doravante TCC). Naquelas vivências, constatamos dificuldades recorrentes de discentes ao elaborarem trabalhos acadêmicos em seus diversos gêneros, em compreenderem o sentido destes trabalhos para a construção da autonomia estudantil, bem como para a realização de uma pesquisa científica mais ampla. Portanto, a metodologia da pesquisa que resultou neste objeto educacional se valeu da observação, de diálogos, da anotação de impressões, de opiniões, de motivações ou da falta delas no diálogo com estudantes, o que coloca essa pesquisa na categoria da pesquisa qualitativa. Destacamos que as vivências dos fatos relacionados a escrita de gêneros acadêmicos, notadamente o relato das dificuldades, torna a metodologia singular, uma vez que estão envolvidos sujeitos singulares – os alunos com os quais interagíamos e orientávamos – cada um com sua

⁴ João Bosco Medeiros, em seu livro *Redação Científica* (2010), discorre sobre os vários tipos de anotações. Para Severino (2007, p.68-69) as anotações feitas em cadernos devem ser transferidas para fichas (ver exemplo de ficha no subtítulo 1.1 Fichamento), se assim não for ficarão, provavelmente, esquecidas no caderno (Santos, 2009).

formação escolar, familiar e humana, o que não invalida este objeto educacional. Ainda assim, considerando a organicidade do âmbito da pesquisa e das suas circunstâncias, nos valem os recursos metodológicos próprios da pesquisa do tipo bibliográfica, embasando-nos em autores singulares (Pescuma & Castilho, 2007; Severino, 2007; Demo, 2008; Medeiros, 2010; Amaral et. al, 2015; Pereira et. al, 2018; Bezerra & Medeiros, 2019), que contribuem com algum aspecto específico da área da metodologia da pesquisa científica e do trabalho científico; várias vezes nos valem das perspectivas diacrônica e sincrônica, mostrando aos alunos que os recursos de escrita mudavam e eram aperfeiçoados ao longo do tempo, daí o uso também de uma bibliografia que para alguns entendimentos pode parecer muito distante no tempo o que também não é por si só inválido.

3. Resultados e Discussão

3.1 Fichamento

Em sala de aula, é muito comum os alunos relatarem sobre a dificuldade de se entender um texto científico, bem como, ao término da leitura, não lembrarem os argumentos apresentados pelo autor. Frente a este problema, dificilmente o estudante conseguirá desenvolver um trabalho acadêmico que tem como base a leitura, a compreensão textual, a sistematização e a organização das ideias, bem como a escrita.

Não se pode escrever sobre um determinado assunto se não o conhecermos bem. Deste modo, o fichamento auxiliará o aluno na prática da seleção de informações, na organização dos registros, sejam orais (anotações de aulas, seminários, palestras⁵), de leituras textuais, ou sobre as próprias reflexões elaboradas pelos estudantes.

Para o dicionário *on line Michaelis*⁶, fichamento é sinônimo de “anotar, registrar em fichas; catalogar”. Assim, será por meio de fichas⁷ que o estudante registrará as informações, podendo arquivá-las, mas, principalmente, catalogá-las, para uma posterior consulta.

Segundo Medeiros (2010, p. 101-122) há vários tipos de fichamento de leitura e cada qual com características específicas. Porém, todos eles compartilham do mesmo objetivo, qual

⁵ Sobre as anotações orais, sugerimos que o aluno anote apenas os conceitos ou informações centrais sobre o conteúdo exposto e não tudo o que o docente disser.

⁶ Recuperado de <http://michaelis.uol.com.br/>

⁷ Estas fichas podem ser produzidas manualmente com folhas tamanho A4, divididas ao meio, e para garantir sua durabilidade é necessário de folhas espessas. Por outro lado, fazer estas fichas em um programa no computador facilitará o acesso a informações, por meio de palavras-chave, ou no deslocamento do texto escrito na ficha para outro arquivo. Ao se fazer o *fichamento informatizado*, a criação de pastas temáticas, inserindo nelas as fichas produzidas, garantirá a organização destes registros (Medeiros, 2010).

seja: registrar informações, que fundamentarão teoricamente os futuros trabalhos acadêmicos a serem elaborados, e mantê-las organizadas para facilitar seu acesso e localização.

Antes de arrolarmos sobre as características dos fichamentos, cabe enfatizar que o início deste processo se dá a partir de uma leitura preliminar sobre o texto. Grifar as ideias centrais de cada parágrafo⁸, escrevendo ao lado de cada um deles, com poucas palavras, o que se compreendeu, é um procedimento (Santos, 2009) valioso que auxiliará na compreensão textual bem como na elaboração dos fichamentos de leitura. Além disso, buscar informações sobre o autor e o período em que a obra foi escrita, contribui para que o leitor compreenda a linha teórica seguida pelo escritor e, paralelamente, contextualize a discussão abordada no texto.

Feito este estudo e obtido a compreensão textual, o próximo passo é elaborar o fichamento de acordo com a exigência do docente, ou seja, se será um fichamento de transcrição direta, de resumo, de comentário avaliativo ou fichamento informatizado⁹.

No fichamento de transcrição direta, deve-se fazer a transcrição fiel, diga-se cópia, das ideias centrais de uma obra, de um capítulo, de um artigo; não se pode interferir de forma alguma no texto, modificar palavras ou inserir comentários. Entretanto, caso a ortografia esteja incorreta deve-se escrever na frente da palavra, entre parênteses, (sic). Ao final da citação, é essencial indicar a referência utilizada.

Geralmente, os pesquisadores inserem as informações que compõe o fichamento de transcrição direta na exemplificação e/ou fundamentação dos seus argumentos. Abaixo, segue exemplo deste tipo de fichamento estruturado em uma ficha, que apresentamos no Quadro 1. Observem alguns marcadores que identificam o tipo de gênero acadêmico no canto superior esquerdo e o tema designado no canto superior direito. Chamamos atenção também para a referência bibliográfica, o que possibilita a identificação do texto/livro fichado, a página e o seu posterior uso em um TCC, por exemplo.

⁸ Para facilitar a identificação das ideias centrais de cada parágrafo, cabe, inicialmente, selecionar as palavras-chave.

⁹ Ver nota de rodapé número 05.

Quadro 1: Fichamento de transcrição direta.

Tipo de fichamento: Transcrição direta

Tema: metodologia científica

Létourneau, J. (2011). *Ferramentas para o pesquisador iniciante*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Para abrir caminho nas malhas da Rede, o estudante, aliás, terá interesse em consultar as páginas das bibliotecas universitárias que, com uma classificação por disciplinas científicas, oferecem aos usuários campos de pesquisa ou categorias de publicações, bancos de endereços que abrem as portas a verdadeiras bibliotecas virtuais. Muitas vezes, os especialistas em documentação das grandes bibliotecas põem na internet listas de obras gerais (guias bibliográficos, enciclopédias, dicionários, cronologias etc.) que, classificadas por campos ou temáticas de pesquisa, permitem que o estudante novato dê início a uma pesquisa sobre um número imenso de assuntos 28 (p.79).

Fonte: Ficha elaborada pelos autores.

Este exemplo de ficha pode ser reproduzido para todas as outras modalidades de fichamento ou, até mesmo, para as anotações orais. Destacamos que ao fazer o seu uso, ao estudante cabe, apenas, preencher os itens que compõe a ficha. Acreditamos que se trata de um gênero acadêmico simples e eficaz que, ao ser melhor conhecido e exercitado, acompanha o estudante ao longo de sua formação.

Outro fichamento relevante para o desenvolvimento da pesquisa científica é o *fichamento de resumo*. Para elaborá-lo é preciso, inicialmente, compreender as ideias centrais da obra e, de posse dessas informações escrever sobre elas, com suas próprias palavras. Note, mesmo sendo um texto produzido pelo aluno as ideias que o compõe pertencem ao autor, portanto, é preciso indicar a referência bibliográfica, pois, se assim não fizer, o estudante/pesquisador, cometerá plágio¹⁰.

Acredita-se que a prática deste tipo de fichamento levará o aluno a superar alguns dos desafios da pesquisa científica, entre eles, compreender os conceitos abordados no texto e aprender a escrever sobre os mesmos se baseando apenas nos argumentos do autor, sem fazer comentários pessoais. Ao final deste fichamento, o aluno terá em mãos um texto escrito por ele que poderá ser utilizado na elaboração de um trabalho acadêmico, bem como auxiliá-lo no levantamento bibliográfico.

¹⁰ O plágio, ou seja, o “roubo de ideias”, é uma atitude execrável no meio acadêmico. No entanto, esta prática vem sendo construída pelos estudantes ao longo dos vários níveis de ensino e refletirá, intensamente, no ensino superior. Cabe enfatizar que tal ação compromete a credibilidade do aluno bem como dos trabalhos que desenvolve, prejudicando muito sua avaliação, sua formação profissional e pessoal. Atualmente, há vários sites, gratuitos ou não, que auxiliam o professor na identificação da autenticidade dos trabalhos acadêmicos, tais como: *Docxweb*, *Anti-Plagiarism*, *DupliChecker*, *PaperRater*, *Plagiarisma.net*, *PlagiarismChecker*, *Plagium*, *PlagTracker*, *Viper*, *SeeSources*, *Plagiarism Detector*, *CopySpider*, *Copiaecola*. Sobre este assunto, plágio no meio acadêmico, ver Vasconcelos (2007) e Nery (on line).

No fichamento de comentário, de uma forma geral, o estudante também enfocará a compreensão dos conceitos abordados pelo autor e, além disso, avaliará se a hipótese, os objetivos que compõe a obra são fundamentados para, posteriormente, escrever comentários avaliativos sobre a mesma. A seguir, apresentamos exemplo deste tipo de fichamento, elaborado por Medeiros (2010). Solicitamos a observação do Quadro 2, que é exemplar e importante para a compreensão deste gênero acadêmico:

Quadro 2: Fichamento de comentário.

Tipo de fichamento: Comentário	Tema: relação leitor/obra
Tacca, Oscar. (1983). <i>As vozes do romance</i> . Coimbra: Almedina, p.152-153.	
Notam-se no texto de Tacca as seguidas transformações por que passa o leitor: inicialmente, convidado; depois, participante da família e, por fim, transfigurado. A comparação explícita o comportamento do leitor com a obra e a impossibilidade de permanecer distante, amorfo, inerte. A leitura possibilita a transfiguração, a transformação radical que leva a atingir um estado glorioso. E, neste caso, leva o leitor a um contato com realidades estranhas ao mundo sensível. Talvez se possa ver aí um resquício da filosofia de Plotino que dizia que a arte dá acesso à realidade absoluta. E a arte transforma-se numa atividade espiritual.	

Fonte: Ficha elaborada pelos autores.

Observem que os marcadores como tipo de fichamento, tema e referência bibliográfica são mantidos, porém, diferentemente do exemplo do Quadro 1, neste o que destacamos é o comentário feito abaixo da referência. Nele solicitamos que observem o tipo de texto que não é mais literalmente fiel às palavras do texto fichado, mas é fiel às ideias. No Quadro 2, vemos que o texto que é a própria natureza do gênero se diferencia por ser de autoria do leitor, no caso o aluno pesquisador.

Assim como nos Quadros 1 e 2, mantem-se os mesmos marcadores, diferindo, no entanto, o tipo de anotação, que, como diz o próprio título do fichamento, é de ideias que surgiram ao leitor enquanto efetuava a leitura do texto, o que também pode lhe servir quando da escrita de seu TCC, a partir do qual poderá retomar uma ideia a ser desenvolvida promovendo também um diálogo com o texto lido.

Quadro 3: Ficha de ideias sugeridas pelas leituras.

Tipo de fichamento: Ideias sugeridas pelas leituras

Tema: Figura de linguagem

Castro, Walter de. (1977). *Metáforas Machadianas: estruturas e funções*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico: Brasília: INL.

A leitura dessa obra sugeriu a ideia de pesquisar a possibilidade de empreender um estudo das comparações em IRACEMA, de José de Alencar, procurando distinguir o que é metáfora, comparação e símile.

Fonte: Ficha elaborada pelos autores.

Nos Quadros 1, 2 e 3, apresentamos tipos de fichamento. Todos eles são bastante usuais ao longo da formação acadêmica. Em suma, consideramos que o conjunto de fichamentos constitui-se de um rico material para que o estudante construa o referencial teórico de seu trabalho, ou seja, a partir deles o discente poderá utilizar o diálogo entre os conteúdos dos seus diversos fichamentos para a construção de sua argumentação fundamentada, contrapondo ideias dos autores, utilizando um autor para apoio das ideias de outros, mostrando mudanças históricas de um conceito, etc. Expostos esses três tipos de fichamento, passamos ao Resumo.

3.2 Resumo

Segundo Antônio Joaquim Severino (2007, p.204), o resumo “[...] é, na realidade, uma síntese das ideias e não das palavras do texto. Não se trata de uma miniaturização do texto. Resumindo um texto com as próprias palavras o estudante mantém-se fiel às ideias do autor sintetizado”. Note, o resumo é um trabalho de extração das ideias centrais de um artigo, de um capítulo ou de uma obra inteira. No resumo, o aluno deverá elaborar um novo texto, com suas próprias palavras, preservando as ideias do autor.

Contribuindo com esta discussão, Maria Letícia de Paiva Jacobini (2006) apresenta dois tipos de resumos que estão relacionados diretamente com a pesquisa científica. Um deles é o resumo que se faz ao iniciar uma pesquisa científica sobre as obras correlacionadas ao tema a ser investigado. Neste processo, o fichamento de resumo, já citado, auxiliará o estudante/pesquisador na seleção e compreensão das obras.

Além desse, há o resumo que compõe o relatório de pesquisa científica. De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, NBR 6028:2003) a finalidade desse

resumo é apresentar informações sobre o estudo desenvolvido, tais como: objetivo, método, resultados e conclusões. Também denominado como resumo informativo¹¹ o autor ao escrevê-lo apresentará ao leitor informações gerais sobre a obra, cabendo a este fazer um juízo inicial para, num segundo momento, e se quiser, aprofundar o conhecimento sobre a obra estudo selecionada.

Jacobini (2006) sugere, também, que a estrutura do *resumo informativo* pode nortear a leitura e a escrita de outros resumos, pois por meio dele é possível identificar a lógica de raciocínio do autor, informação fundamental para a elaboração de um resumo. Aliado a estas indicações, ser fiel às ideias do autor bem como escrever com a linguagem própria de quem está fazendo o resumo, são passos importantes na elaboração de um texto coeso. Dito isso, passamos ao gênero acadêmico resenha.

3.3 Resenha

Outro trabalho acadêmico exigido aos discentes é a resenha. Ao contrário do resumo, em que o autor deve ser fiel às ideias do texto mesmo escrevendo com as suas palavras, a resenha, pode reforçá-las se concordar com elas ou pode contrapor-se, se discordar delas. Assim, espera-se que o estudante ao escrever uma resenha faça um juízo de valor que não se fará no resumo. Em consonância com este pensamento, Létourneau (2011) afirma:

A resenha se distingue do simples resumo de leitura pela **distância relativa** que é preciso tomar em relação à obra avaliada. A resenha não consiste na repetição condensada do conteúdo do livro. Trata-se mais de distinguir a estrutura fundamental dessa obra, suas propriedades distintivas e algumas de suas características não imediatamente visíveis: tese proposta, intenção do autor, desenvolvimento do raciocínio etc. [...] (p.20, grifo do autor).

Neste sentido, o resenhista, ao escrever sobre uma obra, precisa compreender sua estrutura, identificando como o autor desenvolveu a lógica textual, alinhavou os capítulos. A seguir, apresentamos o Quadro 4. Nele é possível observar um guia sintético para a produção completa de uma resenha acadêmica. Solicitamos que sejam observados os elementos presentes no guia.

¹¹ Segundo a ABNT há três tipos de resumo: resumo crítico, que também pode ser denominado resenha, indicativo que apresenta os “pontos principais do documento” e o informativo (NBR 6028:2003).

Quadro 4: Guia para a produção completa de uma resenha acadêmica.

Guia para a produção completa de uma resenha acadêmica

Identifique a obra: coloque os dados bibliográficos essenciais do livro ou artigo que você vai resenhar. Nesta parte você pode usar a referência bibliográfica completa. **Exemplo:**

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

Identifique o autor: cuidado! Aqui você escreve quem é o autor da obra que foi resenhada e não do autor da resenha (no caso, você). Brevemente escreva sobre a vida, formação e de algumas outras obras do escritor ou pesquisador. **OBS:** Esta informação é fundamental, pois indicará possíveis características que poderão adiantar informações sobre a obra.

Apresente a obra: situe o leitor descrevendo em poucas linhas, sintetizando, todo o conteúdo do texto a ser resenhado.

Descreva a estrutura: a divisão em capítulos, em seções, o número de páginas do texto completo.

Análise de forma crítica: nessa parte, você emitirá sua opinião. Argumente baseando-se em teorias de outros autores, fazendo comparações ou até mesmo utilizando de explicações que foram dadas em aula. É possível, também, fazer um recorte sobre o assunto e explorar apenas um tópico. A quantidade de páginas será determinada pelo docente ou pela editora ou revista que você pretender enviar este trabalho acadêmico.

Recomende a obra: Você já leu, já resumiu e já emitiu sua opinião, agora é hora de analisar para quem o texto realmente é útil.

Assine e identifique-se: No último parágrafo você escreve seu nome e se identifica. Exemplo: João da Silva. Acadêmico do Curso de _____ da _____ ou Graduado(a) em _____ pela _____.

Fonte: Ficha elaborada pelos autores.

Observado o guia acima, destacamos que ele não é uma receita de como fazer uma resenha, pois, para Severino (2007), há pelo menos três tipos de resenha: a *informativa* que, tal como o próprio nome sugere, tem como objetivo informar o conteúdo do texto; a *crítica* que enfoca a importância e repercussão textual e, por fim e mais conhecida, a resenha *crítico-informativa*, na qual o resenhista se preocupará em apresentar o conteúdo e comentá-lo, realizando um juízo de valor.¹²

Para Severino (2007) existem pelo menos três tipos de resenha: a *informativa* que, tal como o próprio nome sugere, tem como objetivo informar o conteúdo do texto; a *crítica* que enfoca a importância e repercussão textual e, por fim e mais conhecida, a resenha *crítico-informativa*, na qual o resenhista se preocupará em apresentar o conteúdo e comentá-lo.

¹² Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000100016&script=sci_arttext/, você poderá ler a resenha sobre o livro de Saviani, *História das ideias pedagógicas no Brasil*, escrita por Gilberto Luiz Alves.

Severino (2007, p. 205) destaca a importância deste texto para o estudioso ter acesso a informações sobre livros publicados recentemente, pois a leitura de tais resenhas auxiliará o pesquisador na seleção de obras e quais devem ser lidas prontamente. Complementando esta argumentação, Cialdine (2012) afirma que ao se elaborar uma resenha estamos exercitando nossa intelectualidade (sintetizando, avaliando, criticando) e, paralelamente, produzindo textos para serem utilizados em trabalhos acadêmicos mais complexos.

Baseado no livro de Severino (2007, p.210) e no artigo *Gêneros textuais: Resenhas*, de Edmar Cialdine (2012, p.16-19), o *Guia para a produção completa de uma resenha acadêmica* foi elaborado com o intuito de estimular os alunos/pesquisadores para a produção de suas próprias resenhas. Vale ressaltar que além de seguir este guia, o estudante poderá se apropriar deste gênero textual por meio das valiosas sugestões apresentadas abaixo:

-Cialdine (ibidem) sugere inicialmente a leitura de resenhas sobre filmes, livros; o próximo passo é escrever comentários sobre estas resenhas, em seguida conhecer e fazer anotações sobre o “objeto” resenhado; para enfim, comparar com suas observações.

-Jacobini (2006, p.47) indica a leitura de resenhas presentes nos jornais bem como em revistas científicas. Por meio desta leitura o estudante/pesquisador conseguirá identificar as características que compõe este gênero textual, o que possibilitará a produção de suas próprias resenhas.

Expostas estas sugestões, esperamos que os estudantes tenham uma melhor compreensão do gênero acadêmico resenha. Dos três primeiros aqui apresentados, ele é o mais complexo e por isso não é raro que os estudantes com os quais trabalhamos, fosse em sala de aula, fosse nas orientações de TCC, apresentaram maiores dúvidas. A partir das sugestões apresentadas acima, reforçamos a nossa crença de que não há receitas de como fazer uma resenha. cremos que a partir da prática o estudante, valendo-se das sugestões, escreverá com mais segurança, concorrendo para isso, além da escrita, a prática constante da leitura.

3. 4 Relatório

Observar o mundo, questioná-lo, construir um problema científico, são os primeiros passos que o estudante/pesquisador dará para a elaboração de uma pesquisa científica; os outros passos virão com a orientação de um professor que auxiliará o discente na delimitação do tema, na identificação da relevância do estudo, no levantamento bibliográfico sobre o assunto a ser pesquisado, na reestruturação da problemática, na elaboração de hipóteses, na definição dos objetivos e da metodologia de uma pesquisa (Pescuma & Castilho, 2006).

São estes mesmos autores, Pescuma e Castilho (p. 15), que pontuam sobre o que se espera de um estudante ao final da elaboração de uma pesquisa científica:

No seu decorrer, o aluno deve aprender a ler, entender e reproduzir fielmente o que lê; tornar-se capaz de buscar informações importantes e coletar dados; relacionar a teoria e os dados empíricos; organizar informações em vista da resolução de problemas e, finalmente, elaborar relatórios e outros trabalhos.

Note, os subitens arrolados anteriormente neste texto [3.1 fichamento, 3.2 resumo e 3.3 resenha] são trabalhos acadêmicos essenciais para que o graduando assimile os conteúdos apresentados em cada disciplina, bem como desenvolva os pontos elencados por Pescuma e Castilho na citação supracitada. Assim, espera-se que ao se encerrar uma pesquisa científica o aluno possa por um lado construir sua autonomia do pensar e por outro construir material suficiente para a elaboração de um relatório científico.

Este tipo de relatório tem como fim informar à comunidade acadêmica o desenvolvimento da pesquisa científica, para tanto é preciso que o estudante/pesquisador conheça e domine as normas necessárias para a produção deste trabalho acadêmico, pois, assim como uma comunidade que possui suas regras, uma linguagem própria para poder se comunicar e garantir a própria sobrevivência, a comunidade acadêmica também tem suas normas e leis.

Atualmente, existem diferentes regras a serem adotadas pelas universidades para a formatação de trabalhos acadêmicos. Criada em 1940, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), além de apresentar normas para citação e referência de diferentes áreas do conhecimento, também orienta a estrutura do trabalho acadêmico, abrangendo os elementos pré-textual, textual e o pós-textual. Outro estilo de formatação é o manual da American Psychological Association (APA), publicado em 1929 como artigo, e ao longo dos anos foi sendo reestruturado, estas regras orientam a formatação das referências e citações. Por fim, as Normas de VANCOUVER, como o próprio nome sugere, fora criada nesta cidade, em 1978, para atender as ciências da saúde, no que se refere as citações ao longo do texto e as referências (Normas de Documentação, 2020).

Tais relatórios são constituídos pelas seguintes partes, a externa: **capa e lombada**, e a interna: elementos **pré-textuais, textuais e pós-textuais**. Nos primeiros elementos inserem-se informações antes do texto para auxiliar na identificação do trabalho; já no segundo deve-se discorrer sobre o desenvolvimento da pesquisa e, para encerrar, os **elementos pós-textuais** complementarão o texto.

Os trabalhos acadêmicos que também seguem a estrutura apresentada anteriormente são os monográficos que, igualmente, podem ser considerados relatórios científicos (Gressler, 2004; Jacobini, 2006), tais como: monografias, dissertações e teses. Mas, para Medeiros (2010, p.208) todos estes são trabalhos monográficos, pois “versam sobre um assunto”. Além disso, Silva (apud Medeiros, 2010) afirma que a estrutura textual destes trabalhos é o de uma dissertação, fazendo parte dela a introdução, desenvolvimento e conclusão. O que diferencia um trabalho monográfico de outro é o título que o estudante irá receber, a nível de graduação [graduando] ou pós-graduação [especialista, mestre ou doutor], bem como o rigor que será exigido dos discentes ao realizarem sua pesquisa, seja na apresentação dos argumentos, na fundamentação teórica, na demonstração de sua tese.

Dentre os autores pesquisados (Faria, et al., 2012; Medeiros, 2010; Severino, 2007) e as normas apresentadas pela ABNT (2011) espera-se que o aluno “experencie” alguns processos do fazer ciência na elaboração de uma **monografia para obtenção do título de graduação**, tais como: o estudo organizado e sistematizado, a revisão bibliográfica sobre o tema a ser pesquisado. O mesmo se espera de um estudante na elaboração de um **texto monográfico para obtenção do título mestre**. Além disso, saber “reunir, analisar e interpretar informações” sob a orientação de um professor doutor (NBR 14724:2011, p.2), bem como ter consciência sobre o método utilizado na pesquisa, são conhecimentos fundamentais para o estudante/pesquisador que busca o título de mestre. Severino (2007, p.221) destaca que a diferença entre os trabalhos desenvolvidos para a obtenção do título de mestre e doutor é a originalidade exigida a este último.

3.5 Artigo científico

O artigo científico também é considerado um relatório, cujo objetivo é apresentar resumidamente, para um público especializado, o desenvolvimento, os resultados, a discussão e a conclusão de uma pesquisa mais aprofundada, como a dissertação e a tese. Na maioria das vezes, se direciona a publicação em um periódico, por isso, o autor deve se atentar para as normas da formatação textual que podem sofrer alterações de acordo com as exigências das instituições para qual irá submeter seu texto. Abaixo, segue um exercício que o auxiliará na identificação da estrutura de um artigo científico¹³. Para a realização desse exercício, assim

¹³ É possível localizar artigos de várias áreas do conhecimento nos seguintes sites, recuperado de <http://www.comciencia.br/comciencia/>; <http://www.scielo.org/php/index.php>; <http://www.periodicos.capes.gov.br/a>

como sugerimos nos quadros anteriores, solicitamos a observação do Quadro 5 abaixo. Observem que há nele uma sequência de elementos que auxilia na observação do artigo.

Quadro 5: Ficha de identificação da estrutura do artigo científico.

Identificação da estrutura do artigo científico
Orientações: tendo como base um artigo científico, grifar e escrever no texto as informações solicitadas a seguir.
Elementos pré-textuais:
<ul style="list-style-type: none">• Título:• Subtítulo:• Autoria:• Formação acadêmica dos autores:• Resumo: (Objetivo, Metodologia, Resultado e Conclusão):• Palavras-chave:
Elementos textuais:
<ul style="list-style-type: none">• Introdução: apresentação do tema pesquisado, da problemática, objetivos, justificativa.• Desenvolvimento: apresentação dos argumentos (identifique a lógica textual), revisão de literatura ou fundamentação teórica (escreva o nome do teórico utilizado e a explicação que este dá para fundamentar o artigo), metodologia (procedimentos metodológicos).• Conclusão: apresentar uma síntese dos argumentos conclusivos ou da tese, apresentar os objetivos alcançados, além de indicar possibilidades de pesquisas vindouras.
Elementos pós-textuais:
Referência: relação das obras consultados para desenvolver o artigo científico.

Fonte: Ficha elaborada pelos autores.

No Quadro 5, expusemos organizadamente os elementos que, habitualmente, compõem o artigo científico. Reconhecer esses elementos é uma das possibilidades de melhor entender este gênero textual acadêmico que possui a sua complexidade. Assim como no caso da resenha, não temos a perspectiva de apresentar uma receita, porém, certamente a observação constante desses elementos, bem como e sobretudo a escrita de artigos vai tornar na prática a sua efetivação mais fundamentada. Assim, acreditamos que o estudante ao realizar a atividade acima - *Identificação da estrutura do artigo científico* – ele conseguirá vislumbrar a estrutura de um artigo, de uma pesquisa científica e por consequência o auxiliará na produção do seu próprio artigo científico.

Corroborando com este exercício, sugerimos, também, a leitura atenta das orientações de Pereira et al. (2018, pp.106-108) quando apresenta “Técnicas que Ajudam a Melhorar a Escrita de Artigos”. Estes autores trazem, nesta obra, sugestões de técnicas diversificadas para contribuir com a melhoria da escrita dos estudantes. São recomendados o estudo de vídeos, o fichamento, a construção de mapas conceituais (mentais), dentre outras, como atividades que podem auxiliar os discentes a escrever melhor, e a iniciarem a escrita de artigos científicos.

Compreender a estrutura do texto que se quer produzir e utilizar ferramentas que facilitam tal escrita são, portanto, ações complementares que levam à uma maturidade acadêmica desejada.

4. Considerações Finais

O presente artigo procurou descrever e comentar sobre os principais instrumentos acadêmicos voltados para os procedimentos de estudos relacionados à pesquisa científica, apontando ainda exercícios e sugestões para melhor apreensão dessas ferramentas de trabalho acadêmico. Entendemos que, ao elaborar e fazer estes exercícios e sugestões os discentes poderão organizar seus estudos, arquivar sua produção textual, construir um referencial teórico, desenvolver sua intelectualidade e por consequência sua autonomia do pensar.

Com isso, poderão correlacionar o conhecimento construído em sala de aula com a realidade que o cerca; contribuir com as discussões acadêmicas, seja com os seus pares, em conferências, em palestras, tendo como princípio a construção de referenciais teóricos e a assimilação dos conceitos pertinentes à sua área de estudo; com esta contribuição, almejamos ver o aluno como parte do processo ensino/aprendizagem, auxiliando o professor na construção do conhecimento e mudando o paradigma arraigado do ouvinte passivo, mero expectador.

Frente ao exposto, acreditamos que o uso deste objeto educacional é potencialmente relevante para colaborar na formação científica discente, o que poderá ser validado em um trabalho futuro, no qual, investigar-se-á sua aplicabilidade em sala de aula.

Referências

Amaral, J. A., Aires, F. J., & Lima, H. F. de. (2015). Educação Científica no Ensino Médio: reflexões, vivência e perspectivas. In: Prado, M. R. M. *Projeto e ação no ensino de Ciências*. Natal: IFRN Editora.

ABNT. (2003). NBR 6028. *Informação e documentação: Resumo - Apresentação*. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro.

ABNT. (2011). NBR 14724. *Informação e documentação: Trabalhos acadêmicos - Apresentação*. Rio de Janeiro.

Avanzi, M. R., Gastal, M. L., Sá, S. L., Freitas, E. L., Canabarro, P. H. O., Lima, L. O. B., Sousa, K. G., & Almeida, A. P. C. (2011). Concepções sobre ciência e cientistas entre estudantes do ensino médio do Distrito Federal. In: *VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Campinas: UNICAMP.

Bezerra, C. E., & Medeiros, F. G. G. (2019). Literatura, tecnologias e políticas públicas. In: *Ciência, tecnologia e engenharia para o desenvolvimento sustentável*. Fortaleza: Imprece.

Cialdine, E. (2012). *Gêneros textuais: Resenhas*. Acesso em 18 junho, em <https://pt.scribd.com/doc/299114917/Artigo-resenhas/>

Demo, P. (2008). *Metodologia para quem quer aprender*. São Paulo: Atlas.

Faria, A. C., Cunha, I., & Felipe, Y. X. (2012). *Manual prático para elaboração de monografias. Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Editora Universidade São Judas Tadeu.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gonçalves, H. de A. (2008). *Manual de Monografia, Dissertação e Tese*. São Paulo: Avercamp.

Gressler, L. A. (2004). *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. São Paulo: Loyola.

Jacobini, M. L. de P. (2006). *Metodologia do Trabalho Acadêmico*. Campinas, SP: Editora Alínea.

Létourneau, J. (2011). *Ferramentas para o pesquisador iniciante*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Medeiros, J. B. (2010). *Redação Científica. A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas*. São Paulo: Atlas.

Nery, G.; Bragaglia, A. P., Clemente, F., & Barbosa, S. *Nem tudo que parece é: entenda o que é plágio*. Acesso em 18 junho, em: <http://www.noticias.uff.br/arquivos/cartilha-sobre-plagio-academico.pdf/>

Normas de documentação. *Saiba mais sobre as normas da ABNT, APA e Vancouver*. Acesso em 18 junho, em: <https://www.bibliotecas.ufu.br/servicos/normas-de-documentacao/>

Pereira A. S., Shitsuka D. M., Parreira F. J., & Shitsuka R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Acesso em 18 junho, em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1/

Pescuma, D., Castilho, A. P. F. (2005). *Projeto de Pesquisa. O que é? Como fazer? Um guia para sua elaboração*. São Paulo: Olho d'Água.

Santos, A. F. dos S. (2009). *Como fazer anotações de aula*. Texto não publicado.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.

Vasconcelos, S. M. R. (2007). O plágio na comunidade científica: questões culturais e linguísticas. *Ciência e Cultura*, 59 (3). Acesso em 18 junho, em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000300002

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Helen Flávia de Lima – 50%

Carlos Eduardo Bezerra – 35%

José Araújo Amaral – 15%